

RODRIGUES, Marcos. *Choro de homem*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, 128 p.

Sônia Maria van Dijck Lima*

Alma masculina. Um mergulho na alma masculina. É a isto que nos leva os textos de Marcos Rodrigues”, diz a orelha do livro, que sei ter sido escrita por Elisa Nazarian.

Bem... Vejamos... Não é próprio da Literatura o revelar-se... Eis aí um espaço do jogo entre “velar-se” e “revelar-se”. Também não é muito comum que os homens permitam esse penetrar na “alma masculina”... Portanto, vale a pena o exercício de compreender as regras do jogo, ou do pacto com o leitor/leitora, instaurado por Marcos Rodrigues, nesse *Choro de homem*...

Para começo de conversa, há uma voz masculina que conduz os relatos e se faz personagem na maioria das histórias; fato que imprime um tom confessional ao discurso, além de contribuir para a unidade da coletânea. Esse narrador, ao impor seu ponto de vista (ou foco narrativo, para quem preferir), estabelece o limite de seus relatos: só o que lhe foi dado viver, saber, contemplar, é oferecido ao leitor/leitora. Mas, esse mesmo recurso permite que o livro traga as marcas de seu mundo viril, na presença de elementos simbólicos como os canivetes, o cavalo; e que ele, convencionalmente, se deixe conhecer ou penetrar em sua “alma”.

Uma das marcas observáveis desse homem é seu caráter de intelectual viajado, capaz de combinar um espírito cosmopolita com

* Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

o sossego na rede da varanda do sítio, contemplando suas galinhas d'angola, e, ao mesmo tempo, registrar costumes dos homens “*recios y honrados*” que vivem em Oyacucho.

No presente dos textos, o eu que fala concede-se o privilégio de estar só. Com esse recurso, pode melhor revisitar o tempo perdido, até revendo-se na infância; reconstituir o dito e o feito por outros homens; reencontrar as mulheres que amou; permitir-se “*voyeur*” e auditor de conversas alheias; e, principalmente, construir-se sedutor. Tudo isso misturando lirismo, humor e algumas notas de fina ironia.

Que não se enganem as leitoras! O narrador mantém seus compromissos com o universo masculino! Apesar de, por exemplo, ser impossível evitar o riso diante do relato do que fizeram e falaram após a morte de Zacharias nos braços da amante; no final, o narrador toma mesmo o partido do finado, pois “a mulher dele não tinha bunda, não tinha mesmo”.

Adotando a perspectiva de que se trata de um homem que quer ser visto na inteireza de sua masculinidade, passo a contemplar alguns momentos, conforme essa orientação.

Às vezes parece tudo tão claro que, por exemplo, “Escolha” pode ser lido como uma reafirmação desse homem, que, numa relação, prefere a “moda européia” (possivelmente, esse é um conceito forjado para a ocasião...), em que “a fera se submete, com docilidade e presteza, a tudo que o homem sereno e sorridente pede”. E admite: “Uma vaidade boba, que você pode ignorar”. Bem... e haja vaidade e nem tão boba assim... E o pior é que ele só faltou dizer “submissa, como é da natureza” (mas, isso já seria demais nos tempos que correm...). Depois, sobre essa história de submeter-se com “docilidade e presteza” à solicitação do macho, há controvérsias... – mas essa voz masculina desconhece ou finge desconhecer isso... Deixo por conta da revelação do imaginário masculino... Quanto a um homem “sereno e sorridente” nas circunstâncias... isso é coisa

tão insólita... que só a autocontemplanção masculina pode desmentir o testemunho das mulheres...

Decididamente confessional, e sem impedir a manifestação de Narciso, esse narrador, que se quer adulto, revela as nuances de seu comportamento sedutor. A elegância do discurso conduziu a bom resultado a tarefa perigosa da confissão, pois tudo poderia ter desabado para a vala comum da revelação superficial. A delicadeza de sentimentos combinada com a coragem de assumir uma identidade viril, imprimiu ao livro um toque de leveza. Em “Danças”, contempla seu objeto de desejo bailando com o marido; não sente inveja, “só leve cobiça”, pois “não viveria com ela. Isso era com o marido”. Em “Configuração”, depois de um trecho de pretensa análise objetiva sobre a cópula, só para racionalizar seu olhar desejante, afirma: “Sensual e encantadora. Integralmente construída em mim”. Em “Corpo”, a proposta inicialmente grosseira, demanda uma explicação: “Eu precisava do corpo dela para expressar a ela o quanto eu gostava dela. No fundo era isso”. E só homens muito especiais podem ter essa sinceridade.

Mas, delícia mesmo é “Elisa”. O narrador/protagonista volta à infância, tempo em que Elisa entrou em seu coração, e conta sua demanda da mulher amada. Parece que estava “escrito nas estrelas” (“Maktub”). Adulto, o narrador esteve, em algumas oportunidades, muito perto dessa mulher. Timidez? Insegurança? A carta reveladora de sua paixão ficou guardada longo tempo... até que, no melhor papel, escolhido pela ternura, chega à amada, com toda a descompostura da paixão de uma vida. Chegou em tempo... depois de cerca de 40 anos de indecisão... E ele, em óbvia manifestação de pretensão masculina, em gritante pedantismo viril, em clara vaidade machista, tem a coragem de arrematar, depois de todo esse tempo: “Comigo é assim, vapt-vupt”. – imaginem se não fosse... Elisa teria que esperar esse homem por mais quanto tempo?...

